

GES
PCP

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

SALVEMOS A VIDA DOS PATRIOTAS PRESOS!

Rolando Verdial — Continua encerrado numa «gaveta» do Aljube em rigoroso isolamento este valente lutador anti-fascista que em Fevereiro foi preso pela 4.ª vez, entregue à PIDE pelo miserável traidor Pedro Manuel Santos. A vida de Rolando Verdial corre grave risco nos interrogatórios da PIDE, onde já das prisões anteriores foi brutalmente espancado. Eis como ele relata o tratamento que teve quando da segunda prisão, em 1953: «Mal tinha descido da carinhola em que viera, fui barbaramente espancado por 4 ou 5 agentes a soco e a pontapé. Davam-me principalmente socos no estômago e no queixo, de tal forma que várias vezes caí ao chão, prestes a desmaiar. No dia seguinte, dia 26, pelas 10 horas da manhã, fui conduzido ao gabinete onde tiram as fotografias e as impressões digitais. Logo que cheguei a esse gabinete fui espancado pelo chefe de brigada que me fora prender e que mais uma vez me deixou ao chão com fortes socos».

É este o tratamento que a PIDE está aplicando de novo a Rolando Verdial. Defendamos a sua vida, reclamando que passe imediatamente à comunicabilidade!

Adelino Pereira da Silva — Sabemos que logo após a sua prisão em 31 de Janeiro, foi levado para a PIDE e espancado a murro e pontapé na cabeça, no rosto e pelo corpo, tendo ficado a escarrar sangue durante muitos dias. Está também incomunicável numa «gaveta» do Aljube e a PIDE continua a torturá-lo tentando arrancar-lhe declarações. Este tratamento feroz pode assassiná-lo. Reclamemos a comunicabilidade do jovem Adelino Pereira da Silva!

Manuel Rodrigues — Como temos noticiado, este dirigente do Partido Comunista tem a sua vida em grave risco, pois o regime duríssimo aplicado aos presos na Fortaleza de Peniche e a falta de tratamento médico são agravados no seu caso por ter tido há ano e meio uma congestão cerebral que o deixou paralisado durante muitos meses, sem nunca ter sido convenientemente tratado.

Manuel Rodrigues leva já 23 anos nas prisões salazaristas! Ele já terminou há 5 anos a pena a que foi condenado! Exijamos a sua libertação imediata, pois essa é a única forma de salvar a vida deste abnegado anti-fascista e militante operário.

Manuel Rodrigues simboliza a coragem e os sofrimentos dos presos políticos portugueses! Organizemos uma campanha nacional pela sua libertação!

Afonso Gregório — Preso há 4 anos, Afonso Gregório sofre de graves perturbações nervosas e mentais mas os «cuidados» que os carcereiros tiveram com o seu estado de saúde, foi mantê-lo durante um ano em isolamento absoluto numa cela da Fortaleza de Peniche. Afonso Gregório, que durante tantos anos lutou valentemente na clandestinidade pelo derrabamento da ditadura, precisa do apoio e solidariedade activos de todos! Reclamemos que saia do inferno de Peniche onde a sua saúde piora dia a dia, reclamemos que seja internado num hospital!

Tal como estes quatro patriotas, centenas e centenas de filhos do povo português, operários, camponeses, intelectuais, sofrem nas cadeias salazaristas. Prestemos-lhe uma solidariedade e um apoio cada vez maiores. Na luta em defesa dos presos políticos fortalece-se a união de todos os portugueses contra a cruel ditadura de Salazar!

Que seja concedida uma ampla Amnistia a todos os presos políticos!

No 1.º de Maio Reforcemos a luta dos trabalhadores

De mês para mês tem vindo a agravar-se a situação económica dos trabalhadores. Com os novos contratos colectivos de trabalho que vão sendo assinados em vários pontos do país, o ministro das Corporações e o governo procuram espalhar ilusões e criar a confusão entre a classe operária, que se mostra em muitos casos disposta a acções de tipo superior para arrancar à grande burguesia verdadeiras melhorias na sua situação. A carestia, o desemprego, a «produtividade», pesam sobre os ombros dos trabalhadores de forma insuportável, chamando cada vez mais a luta económica a um lugar destacado entre as formas de mobilização da classe operária e das massas trabalhadoras contra o governo de Salazar.

O 1.º de Maio que se aproxima decorre num período de agitação que deve ser bem compreendido por todos os trabalhadores de vanguarda. A greve dos pescadores da Gafanha de Ilhavo demonstrou uma vez mais como a organização e firmeza dos pescadores lhes traz a vitória, é um exemplo de muito valor para todos os trabalhadores; a vitória do pessoal dos Telefones, depois duma luta prolongada que foi assinalada por grandes concentrações na empresa e no sindicato; a vitória dos trabalhadores da Carris do Porto, com manifestações nas ruas e choques com a polícia; a concentração vitoriosa do pessoal dos serviços de Gás e Electricidade do Porto; as acções massivas dos viadros da Marinha Grande, dos operários de Sacavém, dos chapeleiros de S. João da Madeira, dos operários dos estaleiros navais de Lisboa, dos operários agrícolas do Alentejo e Ribatejo — todas estas

acções da classe operária, mostram o caminho a seguir.

O próximo 1.º de Maio deve ser aproveitado para reforçar por toda a parte a luta dos trabalhadores. De acordo com as condições existentes em cada local, devem organizar-se greves de protesto, paralisações do trabalho e concentrações, apresentação de reivindicações.

A comemoração do 1.º de Maio abrirá as condições para novas grandes lutas da classe operária e do nosso Povo.

Que seja encerrado O TARRAFAL!

Em todo o país, o povo indigna-se com a notícia da reabertura do Tarrafal, divulgada pela Rádio Portugal Livre, pelo «Avante!», pelas inscrições, pelas tarjetas que circulam de mão em mão. Esta medida criminosas que Salazar pretendia manter em segredo, está levantando os protestos do povo português e de todos os povos.

No campo da morte lenta estão agora encerrados atrás do arame farpado 100 nacionalistas angolanos e guineenses cuja vida está em risco; muitos presos políticos portugueses estão ameaçados de para lá serem deportados se não se alargar rapidamente o movimento de protesto.

Os abaixo-assinados, as cartas, as diligências das famílias dos presos junto das autoridades, as inscrições e tarjetas devem multiplicar-se. Fortalecido com a solidariedade dos outros povos, o povo português pode obrigar o salazarismo a encerrar o Tarrafal!

LÉNINE nasceu há 93 anos



envolvido e aplicado por Lénine, tornou-se a força de atração de toda a humanidade progressista. Já não há calúnias ou deturpações que consigam esconder aos povos dos países capitalistas que o comunismo é a verdade, é o futuro radioso de toda a humanidade.

Tempos houve em que para a imensa maioria da humanidade as ideias do comunismo não passavam dum sonho ou duma utopia, pois custava a crer que elas se pudessem concretizar num mundo que desde tempos imemoriais vivia dividido em classes, com as

minorias escravizando e explorando as maiorias, com a riqueza e o fausto ao lado da miséria mais degradante. As classes privilegiadas esforçavam-se por fazer crer que o mundo sempre assim tinha sido e sempre assim havia de ser!

Foi Lénine, a frente do glorioso Partido Bolchevique e da classe operária russa que pela primeira vez em Outubro de 1917 desfez essa lenda capitalista e mostrou ao proletariado que ele não precisa para nada dos seus exploradores, que tem em si a força para destruir a velha e caduca sociedade burguesa e a capacidade para dar ao mundo uma nova ordem social onde não mais caberá a exploração do homem pelo homem.

As ideias e os ensinamentos de Lénine transformaram-se num guia para a acção, numa arma de combate ao serviço do proletariado, na esperança dum mundo de Paz, de Progresso e de bem-estar para toda a humanidade.

Ao passar o 93.º aniversário do nascimento de Lénine, o mundo assiste ao fortalecimento do campo socialista, com a grande União Soviética caminhando a passos largos para o comunismo, às vitórias sucessivas das lutas de libertação nacional, à intensificação das lutas dos povos contra o imperialismo, pela coexistência pacífica, pelo desarmamento.

Os comunistas, os trabalhadores, o povo de Portugal, festejam mais um aniversário do nascimento do grande Lénine reforçando a sua combatividade, e a sua unidade em novas acções contra a exploração, contra a guerra colonial, contra o terror, em novas lutas que conduzirão ao derrabamento da ditadura de Salazar e à instauração dum regime democrático.

Inspirando-nos nas ideias de Lénine, conquistemos novas vitórias!

Após a Conferência Europeia Alarguemos a luta Pró-Amnistia

A Conferência Europeia Pró-Amnistia, que notificámos no «Avante!» de Janeiro, constituiu uma grande manifestação de apoio à luta que o povo português trava, nas mais duras condições, contra o fascismo.

A Saudação de Álvaro Cunhal

Entre as saudações enviadas à Conferência, citamos hoje a do secretário-geral do nosso Partido, camarada Álvaro Cunhal. Depois de se referir ao ambiente de perseguições e terror existente em Portugal, Álvaro Cunhal acrescentou:

«Tenho presente o que sei, o que vi e o que vivi. Não sou apenas uma pessoa bem informada, mas uma testemunha. E não apenas uma testemunha, mas alguém que conheceu directamente a repressão salazarista. Tal como muitos outros milhares de portugueses, sofri perseguições, fui forçado a viver longos anos na clandestinidade, fui torturado pela polícia, fui julgado em tribunais que recusam um efectivo direito de defesa, passei nas prisões mais de 12 anos, dos quais mais de 8 num regime de completo isolamento, e estive ilegalmente detido muitos anos além daqueles a que fui condenado. Mas tudo quanto se passou comigo é apenas um caso entre muitos milhares de outros casos,

alguns dos quais bem mais graves».

Enviando as mais calorosas saudações à Conferência, Álvaro Cunhal acentuou que ela representa uma importante contribuição directa para salvar da tortura, das prisões e da morte muitos dos melhores filhos e filhas do povo português e que será também uma contribuição para que em Portugal sejam respeitados os direitos do homem e sejam instauradas as liberdades democráticas.

O apelo da Conferência

O apelo que a Conferência, ao cabo dos dois dias em que esteve reunida, dirigiu à opinião pública, revela uma perfeita compreensão da urgência com que devem ser libertados os que nas cadeias sofrem as violências do regime salazarista.

A Conferência chama a opinião pública a reforçar a acção já empreendida por petições, delegações, artigos de imprensa, a fim de reunir às suas famílias os presos e exilados políticos e fazer triunfar os princípios dos Direitos do Homem.

Correspondamos ao apelo da Conferência Pró-Amnistia alargando por toda a parte as acções a favor da Amnistia! Que no nosso país se desenvolva um potente movimento Pró-Amnistia, digno da grande solidariedade internacional ao povo português!

Campanha dos Mil Contos

Completemos a Campanha no mais curto prazo

Continuam a chegar-nos muitas rubricas de vários sectores do Partido. O nosso apelo para que a Campanha seja completada no mais curto prazo, é correspondido pelas organizações e amigos do Partido que desenvolvem novas iniciativas, fazem novas abordagens, esforçando-se por cumprir rapidamente e ultrapassar os seus planos parciais.

As quantias recolhidas até Fevereiro, de que nos chega conhecimento, elevam o total da Campanha para 624.019\$90. Isto mostra que o atraso com que se tem vindo caminhando ainda não foi vencido e que é preciso continuar a considerar a Campanha entre as tarefas principais do Partido na hora actual. É muito importante que as recolhidas não afrouxem mas que sejam intensificadas.

Por toda a parte há possibilidades que ainda não foram aproveitadas. É preciso continuar a discutir o significado político da Campanha com aqueles camaradas que ainda não o compreenderam e que por isso não têm desenvolvido o trabalho que está ao seu alcance.

A Campanha dos Mil Contos é uma arma essencial para defender e alargar o nosso Partido: se assim o compreendermos, ela realizar-se-á rapidamente.

AVANTE ATÉ AOS MIL CONTOS!

Com este número do «Avante!» sai um Suplemento de rubricas para os Mil Contos no total de: 624.019\$90 e dos amigos do Partido com o total de: 23.796\$80

A FIRMEZA DOS COMUNISTAS

No dia 21 de Março, o tribunal plenário condenou a penas de 5 anos e meio e 3 anos, com «medidas de segurança», João Honrado e Augusto Lindolfo.

O caso destes dois patriotas é mais um exemplo de firmeza e abnegação dos muitos dados diariamente pelos comunistas; presos pela PIDE depois de vários anos de luta clandestina, eles enfrentaram os espancamentos e torturas, recusando-se a prestar quaisquer declarações; no tribunal, desmascararam a farsa de justiça fascista, sendo agredidos e expulsos da sala. No caminho para o calabouço ambos os camaradas vitoriosamente o Partido, arrancando-se às mãos dos agentes que os amordaçavam. Augusto Lindolfo foi espancado até ao calabouço, ficando com a camisa rasgada e manchada de sangue. Quando lhes foram ler a sentença no calabouço, Lindolfo e Honrado declararam que o Povo não consentirá que cumpram a pena a que foram condenados.

A sua firmeza é um exemplo para todos os anti-fascistas.

Crónica internacional

A ALIANÇA DOS MONOPÓLIOS EUROPEUS AMEAÇA OS POVOS

Nos últimos tempos, agravou-se a situação na Europa. O tratado assinado por De Gaulle e Adenauer é um agnóstico pacto de guerra que liga os grupos monopolistas da França e da Alemanha num bloco reaccionário e agressivo. Graças a este tratado, os militaristas alemães contam dispor em breve de armas atómicas para levarem cada vez mais longe as provocações contra a Alemanha Democrática e os restantes países socialistas e para desencadearem a guerra da desforra que vêm preparando há anos. Amarrando os seus destinos aos militaristas alemães, De Gaulle e a grande burguesia francesa traem os acordos do fim da guerra, traem os interesses mais sagrados do povo francês.

Para qué o Mercado Comum?

O Mercado Comum é a base económica do bloco reaccionário que se está formando no centro da Europa. Os grupos monopolistas alemães, franceses, italianos, belgas e holandeses, aspiram ao domínio absoluto da economia europeia: eles estabelecem acordos para repartir entre si os mercados, para aumentarem a exploração dos trabalhadores nos seus países, para esmagarem completamente o campesinato e as classes médias.

Os organizadores do Mercado Comum trabalham também pela adesão da Espanha e de Portugal a este bloco. A adesão de Portugal ao Mercado Comum (que está a ser negociada pelos salazaristas) significará para o nosso país a ruína económica, uma exploração maior ainda da classe operária e dos camponeses, em proveito apenas dos grandes grupos monopolistas internacionais, como já foi sublinhado pela delegação portuguesa que participou na Conferência da Federação Sindical Mundial realizada em Dezembro na República Democrática Alemã.

A criação do eixo político e militar Paris-Bonn-Madrid-Lisboa que tem estado a ser combinada através das sucessivas visitas de generais portugueses e espanhóis a França, é uma ajuda descarada aos regimes decadentes de Franco e de Salazar, é um acto agressivo dos monopólios contra os povos oprimidos de Portugal e Espanha.

Eles não vencerão

Os perigos que se acumulam sobre a Europa são ameaçadores. Mas os povos podem enfrentá-los e dominá-los.

O continuo fortalecimento do campo socialista e em primeiro lugar da URSS, vai alargar o caminho aos militaristas e impedi-los de se lançarem em aventuras. Por outro lado, a luta do proletariado e dos povos da Europa contra a exploração dos monopólios e contra a preparação da guerra está-se tornando um obstáculo cada vez mais firme aos planos imperialistas; nos últimos meses, a grande greve dos mineiros franceses, que despertou um forte movimento de solidariedade em toda a Europa, e a marcha dos partidários do desarmamento nuclear, na Inglaterra, mostram aos povos a sua grande força. Por outro lado, os monopolistas franceses, ingleses, alemães e americanos não conseguem vencer as suas rivalidades e lutam cada vez mais encarnadamente uns contra os outros, o que não deixará de os enfraquecer.

O nosso povo tem também um lugar a ocupar na luta dos povos europeus contra o avanço das forças da reacção e da guerra; conduzindo com êxito a luta pelo derrubamento do ditadura salazarista, lutando diariamente pelo fim da guerra colonial, pelo desarmamento, contra as bases militares estrangeiras, o povo português dará uma contribuição inestimável à causa da democracia e do socialismo na Europa.

O desenvolvimento da luta dos povos europeus varrerá os planos aventureiros dos monopolistas e militaristas. Eles não conseguirão desencadear a nova guerra com que sonham e serão definitivamente derrotados.

Levantemos o movimento camponês

É preciso que os camponeses se unam firmemente para poderem resistir às arbitrariedades, roubos e violências dos grandes agrários e capitalistas e do governo criminoso de Salazar; e para se unirem e ganharem consciência da sua força, os camponeses devem lutar em cada aldeia, em cada região, pelos seus interesses mais imediatos, contra os latifundiários e proprietários ricos, contra as juntas e grémios, contra o governo.

Que os camponeses mais conscientes organizem discussões para lançarem a luta contra os tabelamentos, contra as entregas obrigatórias de leite, de batata, de vinho,

de trigo, para exigirem preços compensadores pela sua produção, para se levantarem contra as expropriações das pequenas propriedades e contra a ocupação dos baldios, pela redução dos impostos, por empréstimos a juro baixo, pela Terra!

Lutando lado a lado, os camponeses e operários derrotarão o governo de Salazar.

Levantemos por toda a parte a luta camponesa!

JULIAN GRIMAU foi assassinado

O governo fascista de Franco acaba de cometer mais um monstruoso crime. Julian Grimau foi julgado por um tribunal militar que o condenou à morte e assassinou.

Julian Grimau, membro do Comité Central do Partido Comunista de Espanha, foi um lutador intransigente pela Paz e pela libertação da sua Pátria, da tirania franquista.

O povo espanhol jamais esquecerá este crime praticado na pessoa de um dos seus melhores filhos.

O Partido Comunista Português endereça ao Partido Comunista de Espanha e a todo o povo espanhol a expressão do seu grande pesar pelo assassinato do camarada Julian Grimau.

A "Reforma Agrária" salazarista

— 6.000 latifundiários e proprietários ricos têm 2 milhões de hectares, (metade de todas as terras cultivadas)

— Há mais de 8.000 povoações sem esiradas, o que significa que um milhão e 200.000 pessoas vivem isoladas

— A mortalidade infantil nos nossos campos é a mais elevada da Europa.

— estão a emigrar em cada ano para o estrangeiro e para as colónias 50.000 pessoas, na maioria camponeses arruinados e operários agrícolas.

— o valor da produção agrícola tem estagnado e em 1960 foi 14,5% mais baixo que em 1953.

Alarguemos a luta dos operários agrícolas no Alentejo e Ribatejo

Dezenas de milhares de operários agrícolas, em todo o Alentejo e Ribatejo, estão há 2 e 3 meses sem ganhar um dia de jorna. A invernia que paralisa os trabalhos nos campos e a mecanização crescente a que recorrem os grandes agrários torna a situação dos trabalhadores insuportável.

Em Março, os operários agrícolas continuaram a concentrar-se para reclamar das autoridades e dos agrários Trabalho ou Pão; em Montemor-o-Novo os trabalhadores concentram-se todas as semanas na Casa do Povo; no Escoural, em Alpiarça e em muitas outras terras, fazem-se concentrações. Mas até agora não têm sido tomadas quaisquer medidas que diminuam seriamente a miséria do povo do sul.

Enquanto os trabalhadores estoiram de fome, o presidente-fantoches Américo Tomás entretém-se nas caçadas, como a que se realizou no dia 4 de Março numa grande herdade de Moura. À sua passagem em Pias, o povo deu-lhe as «boas-vindas» escrevendo nas paredes: «Fora o Tarrafal! Liberdade! Fora Salazar!»

autoridades perante a situação dos trabalhadores do Sul são uma vigilância mais apertada da GNR, PSP, PIDE e dos bufos, procurando por todos os meios impedir que os operários agrícolas se organizem para a luta por Trabalho e por jorna capazes nas ceifas que se aproximam. Em Montemor-o-Novo, Pias, Évora, Borba, Portalegre há uma grande vigilância. Na região do Couço, Moura e Montargil, as patrulhas da GNR batem todos os caminhos a cavalo, de jeep e a pé, percorrem os campos e fazem emboscadas nos matos, assaltando e revistando os trabalhadores a qualquer hora do dia ou da noite.

Foi numa destas emboscadas que no dia 11 de Fevereiro caiu o militante operário do Couço Jerónimo Bom, há tempos fugido da sua terra. Não consentindo que os rafeiros da GNR o amarrassem, Jerónimo Bom lançou-se valentemente sobre eles, derrubando um com um pontapé e o outro com um soco no estomago e fugindo para os pinhais; as forças

da GNR do Couço foram lançadas em grandes batidas pelos campos e pelas estradas mas não conseguiram capturá-lo. Quando a notícia foi conhecida no Couço, houve grande contentamento de todo o povo por esta derrota da GNR.

Apelo aos ceifeiros

Em muitas regiões do Alentejo e Ribatejo circula de mão em mão o apelo do jornal «O Camponês» para as ceifas. O apelo chama todos os ceifeiros e ceifeiras a não deixarem trabalhar as máquinas enquanto houver foices paradas, a lutarem firmemente pela jornada de 8 horas e pelos 40\$00 para os homens e 30\$ para as mulheres, a não aceitarem as empreitadas, a enfrentarem com coragem a repressão.

Organizando reuniões para discutir a sua luta, os operários agrícolas conseguirão este ano novas vitórias contra os agrários e contra a opressão do governo salazarista.

O CAMINHO DA LUTA

O pessoal da Companhia das Águas de Lisboa, depois de ter feito uma concentração em Fevereiro, conseguiu a assinatura dum novo contrato colectivo com aumentos de salários. Mas estes aumentos são muito insuficientes; é preciso que os trabalhadores forcem os capitalistas da companhia das Águas, entre os quais se conta o tubarão Queiros Pereira, a darem-lhes um aumento maior; eles bem podem, pois têm todos os anos lucros de cerca de 20 mil contos.

Uma concentração vitoriosa

A concentração do pessoal dos serviços de Gás e Electricidade do Porto, que noticiámos no último número do «Avante!» fez já sentir a sua força; na reunião da Câmara Municipal do Porto foi discutida a questão do aumento de salários reclamado pelo pessoal, resolvendo-se que seja dado em breve.

Resistindo à repressão

As únicas medidas tomadas pelas

Rádio Portugal Livro

Transmite diariamente das 20 às 20,30 e das 22,15 às 22,45 em 32 metros e das 24,30 às 24,50 em 36, 40 e 43 metros.

Manifestação de estudantes em Castelo Branco

Em meados de Fevereiro, as forças da PSP de Castelo Branco prenderam quatro estudantes do liceu com o pretexto de que estavam provocando distúrbios na via pública. Indignados, os estudantes do liceu e escola técnica concentraram-se às centenas em frente do Governo Civil e do Comando da P.S.P. exigindo a imediata libertação dos

colegas presos.

Os agentes da polícia chamaram o reitor do Liceu, fascista notório, mas este não conseguiu, apesar de todas as ameaças proferidas, fazer recuar os estudantes. Durante várias horas, engrossando sempre, a massa juvenil manifestou-se, exigindo a libertação dos jovens detidos.

Depois de terem ameaçado que recorreriam às forças do Exército

aquarteladas na cidade e vendo que mesmo assim os estudantes não recuavam, os polícias acabaram por libertar os quatro jovens.

A manifestação dos estudantes de Castelo Branco foi acompanhada e acarinhada por grande parte da população local. Este é um belo exemplo de combatividade perante as forças repressivas.

É PRECISO AGIR

CONTRA A DEMAGOGIA DOS «MELHORAMENTOS»

Os ministros salazaristas estão lançados de novo numa grande campanha de demagogia deslocando-se às várias províncias para afiçarem o elogio da «grande obra» de Salazar, para justificarem, ainda com os males de antes de 1926, o atraso e a miséria actuais, para no fim de contas enganarem as populações e darem um pouco de ânimo aos seus apaniguados que bem dele precisam para seguirem a palavra de ordem de Salazar: «aguentar».

Esta nova vaga de propaganda liga-se à grave crise que o salazarismo atravessa. Liga-se também à aproximação das eleições para as Juntas de Freguesia, para as quais se realizam já reuniões dos Presidentes das Câmaras e outras autoridades.

Os resultados da propaganda ministerial são porém muito reduzidos. Quem assiste às sessões ou simplesmente ouve a transmissão dos discursos, não pode deixar de reparar ou no aspecto decaído dos que são obrigados a comparecer ou na debilidade de aplausos tão pouco numerosos. Na verdade os lugares-comuns que são ditos, as ameaças proferidas, as mentiras e as burrices, não merecem mais. Se ainda há palmas é porque sempre alguns fascistas aparecem e algumas outras pessoas recebem ainda não as dar.

A recente visita do ministro do Interior, do sub-secretário das Obras Públicas, do governador civil de Lisboa, do Secretário Nacional da Informação e outras «altas personalidades» fascistas ao concelho de

Torres Vedras foi mais um exemplo do desprezo das massas pelas festas fascistas e também de ridículo.

Em Torres Vedras foram inaugurados um posto de transformação da energia eléctrica e o Posto de Turismo. Foram depois inaugurados um troço duma estrada municipal, dois fontanários e uma escola primária. Para estes «extraordinários» melhoramentos mobilizou-se tudo o que se pôde e ainda foi oferecido um rico almoço que, para ter convivas, desta vez foi grátis. Discursos houve muitos, todos eles sem interesse como não podia deixar de ser. Como melhores intervenções destacam-se a de um popular que quando o ministro discursava deu um grito a apontar a miséria em que vive o povo e a das crianças da escola inaugurada que embora convidadas duas vezes pelo próprio ministro a acompanhá-lo num viva a Salazar nunca acederam a tal pedido. As crianças só riam, riam, não sabemos se para o ministro... se dele.

Quando destas viagens demagógicas dos fascistas é possível em muitos lados mobilizar a população para lhes pedir melhoramentos para as terras ou para lhes demonstrar o grande descontentamento que existe

A iniciativa a esse respeito, alguma agitação feita a tempo e com audácia, a organização e a mobilização das massas podem transformar-se em boas lições para esses «aldrabões de feira» que querem vender uma «banha de cobra» em que ninguém já acredita.

Os roubos da «Providência»

ENRIQUECEM À CUSTA DA SAÚDE E DA VIDA DOS OPERÁRIOS

O trabalho dos cerâmicos é um dos mais duros e prejudiciais à saúde; por falta de medidas de defesa contra as poeiras, os operários caem doentes aos milhares e morrem às dezenas todos os anos, vítimas da silicose.

Se lermos o relatório e contas da Caixa de Providência dos Cerâmicos ficamos com uma ideia da infame exploração que está a ser feita em nome da Providência. Vejamos o que diz o relatório:

Em 1960, em cada seis operários, um esteve gravemente doente! Ao todo, 4.542 operários receberam subsídio que andou em média por 14\$00 por dia. Mas enquanto estes milhares de operários doentes não tinham direito a mais de 14\$00 por dia, a Caixa gastou em despesas de administração 3.500 contos!

A Caixa tem perto de 185 mil contos a render juros em prédios e papéis de crédito; só em 1960 fez aos capitalistas o favor de lhes ficar com 25 mil contos em acções e obrigações da Hidroeléctrica do Douro, da CP, da Hidroeléctrica do Cávado, da Sorefame e ainda em títulos do Estado. E enquanto o presidente gaba a «boa situação financeira» da Caixa, os operários morrem como moscas e passam fome depois de ter arruinado a saúde.

Isto é o que se passa dum forma geral com todos os trabalhadores.

Sob a ditadura fascista, os operários não são só obrigados a largar a pele nas empresas para que os patrões enriqueçam; eles têm também que sustentar os tubarões das Caixas e ver o seu dinheiro servir para o crescimento das grandes empresas monopolistas.

Reclamai que aumentem os subsídios e a assistência das Caixas de Providência. Organizai exposições reclamando que seja pago subsídio desde o primeiro dia de doença. Que o dinheiro das Caixas seja gasto em proveito dos trabalhadores e não dos monopólios!

UM EXEMPLO POPULAR

Num dos dias da primeira quinzena de Março, quem passasse em determinada hora na Rua Herois de Kionga (Lisboa), podia apreciar um certo ajuntamento em volta duma viva discussão entre um motorista dum taxi e um indivíduo bem posto, talvez dono de algum dos automóveis que ali estacionavam.

Quando o motorista se defendia dizendo que era um trabalhador, o outro começou a ameaçá-lo com a polícia, dizendo: «você é um comunista; se estivesse aqui um polícia eu mandava-o prender!»

As pessoas que assistiam à discussão e já se inclinavam para o lado do motorista, ao ouvir as ameaças do outro, cresceram para este e mostrando claramente que, para todos, a acusação de comunista não constituía senão mais uma razão para o defender, insultaram o provocador fascista e soveram-no.

Esta resposta a uma denúncia «pidescas» é um excelente exemplo, um verdadeiro exemplo popular.



Salazar tenta justificar-se mas a ninguém convence

O recente artigo que o ditador fascista fez incluir, por bom dinheiro, numa revista inglesa de reduzida projecção: «International Affairs», e que foi transcrito pelos diários portugueses fascistas, é característico do pensamento de Salazar numa altura em que a mais grave crise avassala o seu regime. Nada pode apagar o profundo reacionarismo das suas ideias, a sem vergonha das suas mentiras, o desdencamento das suas «justificações».

Na verdade Salazar vê-se obrigado a responder a algumas das acusações muito graves que por todo o mundo hoje são feitas ao seu regime. Mas as suas respostas não podem ser aceites por quem conheça a situação portuguesa ou tenha a mais pequena parcela de espírito crítico.

Pensará Salazar que só o lerão os ignorantes ou os tolos? Para quê então negar que vivemos em regime de partido único, para quê falar em liberdades?

Para Salazar o tremendo atraso económico explica-se porque o país é de natureza pobre, porque «a agricultura sofre de dois males naturais» porque «as condições naturais não têm facilitado a industrialização rápida do País». Para Salazar, pode dizer-se, a natureza tem as costas bem largas. E no entanto do que se trata não é somente do «modesto nível de vida» mas do **mais baixo nível de vida da Europa**, não é somente do «passo relativamente lento do desenvolvimento industrial», mas de termos passado, desde 1926 para cá, para o **último lugar** na escala dos rendimentos industriais europeus, e não é somente «dos problemas da agricultura», mas da ruína de centenas de milhares de agricultores, duma técnica agrícola que bem se pode dizer, não por graça, que é em muitas regiões a do tempo de D. Afonso Henriques e dum consequente rendimento agrícola tão baixo que sendo Portugal um país agrícola tem de importar desde a batata até ao trigo.

As afirmações que Salazar dedica ao problema colonial são também tão faltas de objectividade que em nada interessarão os seus leitores. A realidade está bem no outro campo, está na condenação cada vez mais grave, feito dentro do nosso país por todas as forças verdadeira-

mente democráticas e patriotas e feitas no mundo inteiro e na ONU, da sua política colonialista que só os «ultras» e os mais acirrados racistas ainda defendem.

Ante os protestos internacionais contra os crimes da repressão em Portugal, Salazar mascarava-se de anjo e demonstra grande desfaçatez. Ele, que é o primeiro responsável pela prisão de dezenas de milhares de portugueses pelo «crime» de defenderem a Paz, a Independência e a Democracia, ele, que é o primeiro responsável pela morte de muitas dezenas de presos políticos e pelo assassinato de muitos outros dos seus opositores, afirma com todo o cinismo que não é verdade haver crueldade nos métodos policiais porque «à parte a lei, nem sequer no-la permite a conhecida doçura dos nossos costumes».

Todas essas vidas arrancadas ao nosso povo, todas as bárbaras torturas que a PIDE, agora dirigida pelo célebre major Silva Pais, está aplicando aos presos políticos, homens e mulheres, tudo isso é, para Salazar, brandura e doçura.

Salazar afirma ainda que o Tarrafal, onde morreram em virtude dos trabalhos forçados e por falta total de defesa sanitária e de tratamento, mais de 40 presos políticos, foi extinto e abandonado há bastantes anos. Então porque foi esta colónia Penal visitada há pouco pelo Ministro do Ultramar? Porque foram destinadas verbas para a sua ampliação? Onde se encontram os presos políticos das colónias portuguesas que ainda há pouco foram para o Tarrafal? E porque é que o Ministro da Justiça se tem sempre recusado a anuir às petições que lhe são feitas pelas famílias dos presos políticos para que afirme que nenhum preso irá para o Tarrafal?

Para Salazar também a «censura é extremamente benigna». Como não repudiarmos mais esta falsidade quando dois dias antes o próprio director do «Diário de Lisboa», que ainda não há muito fez, num 28 de Maio, o panegírico do regime, manifestou a aspiração de que cessem «as limitações que nos são impostas» e que se possam «expressar amplamente e livremente as opiniões»?

Para quê expôr mais as mentiras e o cinismo das afirmações salazaristas? Reparemos só como ele próprio se vê actualmente obrigado a fazer publicar nos jornais e revistas estrangeiras artigos seus, com as «suas razões» para assim tentar evitar o isolamento a que tem sido conduzido.

Estas tentativas não terão qualquer êxito. As lutas do nosso povo, juntamente com as dos povos co-

loniais falam mais alto, valem muito mais para toda a opinião pública. Daí o não nos podermos admirar que ainda recentemente o dr. Jânio Quadros, ex-Presidente da República Brasileira, numa entrevista ao jornal de S. Paulo, «Portugal Democrático» tenha afirmado com desassombro:

«Salazar nunca defendeu os interesses do povo português». Nesta curta frase sintetiza-se sem dúvida uma das mais graves acusações que pode ser feita a um governante. Esta verdade, sentida e sabida pelo nosso povo, não pode ninguém desmentir, não pode ser negada mesmo gastando rios e rios de dinheiro numa propaganda cínica e mentirosa.

O caminho patriótico

«Os fascistas exaltam o domínio nas colónias portuguesas e entregam Portugal ao estrangeiro. Os comunistas reconhecerem o direito dos povos coloniais à independência e lutam infatigavelmente para libertar Portugal do jugo imperialista.

Esta posição é a única verdadeiramente patriótica. A grandeza de Portugal não está nas colónias, mas no próprio Portugal, pequeno em superfície mas com um potencial médio de recursos.

A tarefa dos portugueses é conquistar o seu próprio país, hoje oprimido pelos imperialistas estrangeiros e por um punhado de fascistas, seus agentes e cúmplices domésticos. Portugal deve reconhecer a independência dos povos das suas colónias e conquistar aos imperialistas a sua própria independência».

Álvaro Cunhal

Porque pegou em armas o povo da Guiné?

Está a travar-se na Guiné uma dura guerra entre o exército português e as forças de libertação do povo que, organizadas em guerrilhas, ocuparam o sul do país e actuam nas florestas do norte. O governo esforça-se por esconder ao país esta nova guerra colonial em que estão a morrer diariamente soldados portugueses e em que se cometem crimes sem conto contra os lutadores e o povo guineense. Porque se desencadeou a guerra na Guiné?

A Guiné «portuguesa» é um pequeno país com a superfície do Alentejo e Algarve reunidos e com 600 mil habitantes. O seu povo lutou bravamente, durante séculos, de armas na mão, contra os comerciantes portugueses que aí iam caçar escravos para vender para o Brasil e Antilhas; só em 1916 terminou a ocupação do território pelas forças portuguesas, depois de uma bárbara campanha colonial.

A partir desta data, o monopólio da CUF interessou-se pelas riquezas naturais do país, sobretudo pelos óleos, e instalou aí uma casa comercial. Iniciou-se assim a exploração da Guiné pelo capital monopolista, que conduziu à revoltante situação actual: 60 mil famílias camponesas são obrigadas a cultivar amendoim e coconote para vender a colheita obrigatoriamente às sucursais da CUF e da Soc. Nacional de Sabões, que lhe pagam a preços miseráveis e a embarcam nos navios da CUF (Sociedade Geral) para Portugal.

Nos últimos anos, penetrou na Guiné o capital imperialista: os jazigos de petróleo e minério de ferro e alumínio foram entregues a três grandes companhias, uma americana, outra alemã e outra holandesa. Além de explorarem o minério, os imperialistas estão interessados em ter na Guiné uma base de agressão e provocação aos povos da África Ocidental.

Os resultados de 500 anos de domínio português na Guiné estão à vista: o povo tem um dos mais baixos níveis de vida do mundo, as crianças morrem aos milhares, há 99,1% de analfabetos, nove décimos do território estão incultos e despovoados e todos os anos milhares de homens atravessam a fronteira, fugindo ao inferno colonial, e deixando nas aldeias as mulheres e crianças.

UM POVO QUE DESPERTA

O povo guineense, que nunca cessara de lutar, intensificou a sua acção organizada nos últimos 10 anos: organizam-se greves contra a exploração colonialista, como a dos carregadores da CUF, em Maio de 1956; os camponeses resistem a entregar as colheitas; funda-se o Partido Africano da Independência que inicia a luta clandestina.

Em resposta, as autoridades fascistas portuguesas têm redobrado de crueldades sobre o povo. Em 3 de Agosto de 1959, quando os trabalhadores de Bissau se puseram em greve reclamando maiores salários, as tropas e alguns colonos dispararam a doida sobre a multidão, matando 50 trabalhadores. FOI O MASSACRE DO CAIS DE PIJIGUITI, crime tenebroso que aumentou ainda mais o ódio à ocupação portuguesa. As lutas e a resistência do povo

alargaram-se a toda a colónia, apesar de serem feitos centenas de guineenses no campo de concentração da ilha das Galinhas, apesar dos desembarques constantes de tropas, da instalação de 10 aeródromos militares, das torturas e assassinatos de patriotas.

Numa última tentativa para impedir a guerra, o Partido Africano da Independência dirigiu em 1 de Dezembro de 1960 uma carta solene ao governo de Salazar propondo negociações para a independência da Guiné e Cabo Verde; isto teria permitido liquidar a opressão colonial por via pacífica. Mas a resposta de Salazar foi uma nova onda de terror da PIDE, que em Fevereiro de 1961 lançou nas prisões 200 patriotas, alguns dos quais foram assassinados entre cruéis torturas.

Disposto a não recuar perante nenhum sacrifício na luta pela independência, o povo da Guiné lançou-se há meses na luta armada. As forças armadas do P. A. I. travam combate com as tropas portuguesas, dinamitam as pontes, executam os régulos traidores, levantam o povo contra a opressão. Salazar envia novos contingentes de tropas e aviões, pratica novos crimes, mas a luta heróica dos guineenses apoiada pelos povos africanos, pelo campo socialista e por todos os povos do mundo, terminará pela sua libertação.

EM DEFESA DOS INTERESSES NACIONAIS

O nosso Partido, exprimindo os interesses profundos da classe operária e do povo trabalhador de Portugal, sempre encorajou o povo da Guiné (tal como os povos das outras colónias), não como um povo inferior, não como um povo inimigo, mas como um povo irmão, um valioso aliado na luta pelo derrubamento da ditadura de Salazar. O nosso povo não tem qualquer interesse na continuação do regime colonial na Guiné; pelo contrário, a libertação dos guineenses será uma poderosa ajuda ao esmagamento do fascismo, pois dará um sério golpe no poderio dos grupos monopolistas da CUF e do Banco Nacional Ultramarino. São os Manuel de Melo e os Vieira Machado que devem temer a libertação da Guiné, não o povo português.

Hoje que os guineenses se batem de armas na mão para libertar a sua pátria, chamamos todo o povo português a lutar contra a continuação desta guerra reaccionária que só prejudica os interesses de Portugal. É preciso que os nossos soldados não continuem a derramar o sangue na defesa da causa dos monopólios e do governo salazarista.

Levantemos a luta contra a guerra colonial!

OIÇA A RÁDIO!

MOSCOVO: Diariamente, em português, das 18,30 às 19 e das 20,30 às 21 horas pelas ondas de 31, 41 e 49 metros.

PRAGA: Diariamente, em português, das 20 às 20,30 h. e das 24,30 à 1 h. em 16,19 e 25 metros e em ondas médias, em 233 metros.

LONGA VIDA, CAMARADA TOGLIATTI!

Passou no dia 26 de Março o 70.º aniversário do camarada Palmiro Togliatti, secretário-geral do Partido Comunista Italiano. Com uma vida inteira dedicada a lutar à frente da classe operária e do povo de Itália pela Democracia, pela Paz e pelo Socialismo, o camarada Togliatti conquistou a admiração e o carinho dos trabalhadores de todo o mundo. O seu aniversário foi saudado pelos trabalhadores e pelo povo de Itália, pelos Partidos Comunistas e Operários, por todos os que lutam pela causa do socialismo.

O «Avante!» felicita calorosamente este provado dirigente da classe operária italiana. Longa vida, camarada Togliatti!